

A FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ COMO FUNDAMENTO PARA A ANÁLISE DA ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Leandro Castro Oltramari¹

Carlos José Naujorks²

RESUMO: Este ensaio apresenta a fenomenologia de Alfred Schutz como fundamento teórico relevante para os estudos sobre narrativa biográfica e, de forma específica, para a análise da entrevista biográfica. Apesar de sua restrita apropriação pela psicologia, seu conjunto teórico é amplamente reconhecido no campo das ciências sociais. Alfred Schutz desenvolveu uma teoria do mundo social e dos processos de construção dos significados que permite uma compreensão da significação do mundo social e da construção da identidade. As narrativas biográficas referem-se aos relatos que os sujeitos elaboram sobre sua vida ou situações biográficas específicas. As teorias sobre narrativas biográficas argumentam que tais relatos formam a base na qual as identidades são construídas. Este ensaio se debruça, particularmente, sobre os conceitos de mundo da vida, intersubjetividade, configuração de significados e acento de realidade, desenvolvidos por Schutz, articulando-os com uma perspectiva metodológica de análise da entrevista biográfica. Nesse sentido, argumenta-se que esses conceitos constituem um fundamento relevante para a pesquisa em psicologia no campo das narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Entrevista biográfica. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

A filosofia e as ciências sociais apresentaram, entre o fim do século XIX e o início do XX, novas perspectivas para a compreensão do ser humano e da sociedade. A Fenomenologia (Husserl), o Intuicionismo (Bergson) e a Sociologia Compreensiva (Weber), com conceitos e teorias próprias, trouxeram uma perspectiva abrangente

1 Doutor em Ciências Humanas, Professor Associado II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: leandrooltramari@gmail.com.

2 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor Associado II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: carlos.naujorks@ufsc.br.

te que evidenciou a relação entre o indivíduo e o mundo, tendo como referência a experiência subjetiva decorrente dessa relação. É nesse contexto que Alfred Schütz desenvolveu uma compreensão sobre a vivência subjetiva das relações sociais, constituindo uma sociologia fenomenológica com profundas implicações para a psicologia (WALSH, 1972).

Os recursos teóricos e metodológicos da fenomenologia permitiram a Schütz uma compreensão da subjetividade tendo como referência os significados e sentidos constituídos a partir da vivência de um mundo intersubjetivamente compartilhado. Na perspectiva do autor, os sentidos dados pelas pessoas para suas ações só podem ser compreendidos se tomarmos o significado dado por elas ao seu mundo. Schütz mobiliza os conceitos de *realidades finitas de sentido*, *províncias finitas de significados*, *esquemas de referência*, entre outros, para compreender a singularidade da experiência subjetiva, propondo que essa singularidade é, sobretudo, a vivência de uma realidade, também singular, muito embora compartilhada.

No presente ensaio, propomos que as concepções de Schütz de subjetividade e intersubjetividade constituem um fundamento teórico relevante para tomar a análise da narrativa biográfica como uma metodologia que permite uma compreensão do sujeito e de seu contexto, tendo como referência a singularidade de suas vivências. Busca-se, dessa forma, apresentar uma proposta metodológica para a investigação da narrativa biográfica que tenha, em Schütz, seu fundamento. Argumenta-se, neste ensaio, que a análise das narrativas elaboradas pelos sujeitos sobre suas vidas, bem como das narrativas socialmente disponibilizadas pela cultura e pelas instituições sociais, permite compreender os sentidos subjetivos dados pelas pessoas às suas vidas e também à realidade que se constitui como pano de fundo.

Neste estudo, compreende-se narrativas como histórias ou relatos com uma sequência relativamente ordenada de eventos. Elas apresentam uma estrutura pela qual fatos singulares podem ser compreendidos por um entendimento amplo e abrangente de uma situação, uma biografia ou, até mesmo, uma realidade social específica (BARKER, 2004, p. 131). A narrativa é uma forma específica de discurso que ordena experiências e permite uma compreensão, pelo sujeito, de suas ações e das ações dos outros. Dessa forma, a narrativa constitui um todo significativo em relação ao qual ações e eventos podem ser conectados (CHASE, 2017, p. 947).

As narrativas podem ser culturais, coletivamente formadas ao longo de um tempo histórico, como as narrativas nacionais, que constituem identidades nacionais (ANDERSON, 2008). De forma intermediária, as narrativas podem ser institucionais, quando embutidas em discursos e materiais produzidos por entidades ou organizações (CHASE, 2017). Discursos oficiais, relatórios, materiais de divulgação e propaganda, podem, de forma mais ou menos articulada, apresentar um conjunto significativo no qual é apresentada uma identidade possível para uma coletividade de sujeitos. As narrativas institucionais apresentam e justificam, dessa forma, a ação dos indivíduos frente a uma determinada coletividade, constituindo-se como “expressões de quem ‘nós’ somos, o que somos, o que fazemos, onde estivemos, para

onde estamos indo e por quê” (CHASE, 2017, p. 952).³ As narrativas também podem ser singulares, como, por exemplo, as narrativas biográficas ou as narrativas de eventos biográficos, que constituem, por sua vez, identidades individuais (BRUNER, 2008, McADAMS et al., 2006; CHASE, 2017). As narrativas apresentam esquemas interpretativos por meio dos quais os contextos de significados consolidam-se, permitindo às pessoas dar sentido às vivências significativas, configurando significados que, sem isso, ficariam deslocados de um esquema de referência.

As narrativas biográficas são, metodologicamente, um recurso importante para a compreensão dos significados e sentidos dados pelos sujeitos, individual ou coletivamente, para suas ações. Nessa perspectiva, a entrevista narrativa biográfica torna-se um recurso metodológico valioso para a pesquisa em Psicologia. A análise da narrativa biográfica, por sua vez, deve ser realizada a partir de uma determinada compreensão da intersubjetividade e dos processos de construção de significados operados pelos sujeitos dentro de um contexto social compartilhado. É justamente aqui que a fenomenologia de Schutz constitui-se como um fundamento relevante, conforme apresentado neste ensaio.

2 ALFRED SCHUTZ E A FENOMENOLOGIA

Alfred Schutz nasceu em 1899, em Viena, e em 1921 concluiu seus estudos em Direito e Ciências Sociais. Ainda em Viena, deu início a uma bem-sucedida carreira no mercado financeiro e continuou seus estudos de pós-graduação em Direito, Sociologia, Economia e Filosofia. Entre seus mentores estavam Hans Kelsen e Edmund Husserl, com quem estabeleceu uma relação próxima e frequente. Em 1939, ano seguinte à invasão da Áustria por Hitler, Schutz emigrou para a França e, logo depois, para os Estados Unidos, onde se vinculou, mais tarde, à New School for Social Research, em Nova Iorque. Schutz faleceu em 1959 (BARBER, 2004).

Desde suas primeiras obras, encontram-se presentes os fundamentos da fenomenologia de Husserl sobre a consciência como intencionalidade e o mundo da vida, o conceito de Ação Significativa, de Weber, e as noções de duração e simultaneidade, de Bergson. Sua obra mais conhecida é a *Fenomenologia do Mundo Social: introdução à sociologia compreensiva* (SCHUTZ, 1972), escrita em 1932 ainda em Viena e editada em 1967 nos Estados Unidos. Em decorrência de suas atividades profissionais, Schutz teve uma dedicação acadêmica parcial e intermitente, constituindo seu trabalho principalmente em artigos científicos, palestras, seminários e cursos ministrados ao longo de sua vida (WALSCH, 1972).

Durante os anos de 1960 foram publicados os *Collected Papers I, II e III* e, nas décadas seguintes, os volumes IV, V e VI, este último em 2013. Pouco antes de seu

3 Expressions of who “we” are, what we’re doing, where we’ve been, where we’re going, and why.

premature falecimento, Schutz preparava, a partir de suas notas, uma sistematização de sua obra. Thomas Luckman, que havia sido seu aluno na New School, deu, depois disso, a forma final aos dois volumes do livro *Estruturas do Mundo da Vida*, respectivamente publicados em 1975 e 1983.

A subjetividade, as relações interpessoais e a vivência intersubjetiva, como são compreendidas por Schutz, têm como referência os conceitos de mundo da vida, estoque de conhecimento e contextos de significados. A preocupação de Schutz é compreender o mundo social como um mundo constituído intersubjetivamente através dos sentidos dados pelos sujeitos mediados pela interação. Para Schutz, a compreensão da ação envolve o entendimento do seu sentido, ou seja, implica considerar o sujeito dessa ação, seu mundo social, seu contexto intersubjetivo e sua situação biográfica. Esse contexto é, sobretudo, um contexto de significados. A consciência, como intencionalidade, institui como vivência o mundo da vida, primeiro, como uma experiência natural. Dessa experiência natural com o mundo da vida decorre uma atitude não problemática, espontânea, que caracteriza o cotidiano da relação entre o sujeito, os outros e as coisas, uma relação eminentemente prática. É o caráter concreto desse cotidiano que funda seu significado prático. Assim, o mundo da vida se caracteriza pela vida cotidiana, pelo sentido do senso comum, um mundo pressuposto e vivido através de uma atitude natural (SCHUTZ, 1974).

O mundo da vida é, desde início, um mundo compartilhado. Os significados que lhe sustentam são anteriores à experiência imediata que se tem dele, na medida em que foram elaborados, compartilhados e interpretados por pessoas que vieram antes. As experiências anteriores, dessa forma, nos servem como referência em um mundo que existe antes e que, sem isso, de alguma forma, seria sem sentido (SCHUTZ, 2019).

Assim, esse mundo no qual o sujeito adentra terá, primeiro, um interesse eminentemente prático. Schutz retoma, de Husserl, a concepção da intencionalidade da consciência, e de William James, a noção de *subuniverso* em sua afirmação de que “a origem da realidade é subjetiva” (SCHUTZ, 2019, p.13). Numa primeira acepção, a realidade é tomada por Schutz como construção subjetiva: “uma relação com nossa vida emocional e ativa (...) tudo que excita e estimula nosso interesse é real” (SCHUTZ, 1995, p. 197). Como a intencionalidade da consciência é vazia, ou seja, por ela se dar em situação e por não haver um conteúdo que lhe seja *a priori*, aquilo que existe no mundo material passa a ser identificado como realidade na medida em que se constitui como um objeto para a consciência.

Para Schutz (1979), o conhecimento prático é fundamental no contexto do mundo da vida. O conhecimento na vida cotidiana não é homogêneo, nem coerente, constitui-se por definições parciais e pode apresentar contradições. Isto porque os objetos e fenômenos do mundo social não se encontram previamente organizados para experiência subjetiva. A experiência imediata de vida do sujeito vai mudando seus interesses e tornando complexo o conhecimento que tem sobre o mundo que o cerca. O ser humano procura o conhecimento necessário e fundamental para organi-

zar e dar coerência e prosseguimento à vida diária, conforme a complexidade que ela venha a apresentar. Assim, por vezes, ele se apresenta como incoerente, não por uma falta de lógica, mas pela diversidade de situações pelas quais os sujeitos transitam, fazendo os posicionamentos serem, muitas vezes, distintos entre si.

Schutz (2019) apresenta e relaciona os conceitos de múltiplas realidades e províncias finitas de significado. A experiência subjetiva da realidade diferencia-se segundo a diversidade das lógicas relacionadas a uma esfera possível de ação, ou seja, o sujeito utiliza um repertório de interpretação relacionado a um campo específico de possibilidades de ação. Assim, o conceito de múltiplas realidades refere-se à diversidade das realidades, cada qual com sua lógica própria e com características particulares de existência operacional. Como são específicas, apenas se confrontam quando entram em contato com a vida cotidiana, que se constitui como realidade suprema. A materialidade do mundo social, acessível mediante recorrentes experiências sensoriais ou materiais, é, então, significativa e pode colocar à prova a interpretação anterior.

Essas múltiplas realidades se articulam com o conceito de províncias finitas de significados. Para Schutz e Luckmann (1974), uma “província finita de significado consiste em [um conjunto de] experiências compatíveis com o significado” (p. 23).⁴ Com isso, as experiências nessas províncias apresentam características cognitivas coerentes entre si. As cognições relativas às diversas realidades mostram, segundo o autor, “(...) um estilo cognitivo específico, e são – com relação a este estilo – não só consistentes, mas também compatíveis entre si.” (SCHUTZ, 2019, p. 28).

As possíveis incongruências ou mesmo contradições entre as diversas realidades não anulam a “realidade” daquela província de significado como um todo, apenas confrontam aquela experiência individual específica, dentro daquela realidade específica. Essa experiência individual é garantida, justamente, pelo estilo cognitivo específico:

Nós falamos de províncias de significado, e não de subuniversos, porque é o significado de nossas experiências e não a estrutura ontológica dos objetos que constituem a realidade. Por isso, chamamos certo conjunto de nossas experiências de uma província finita de significado se todas elas mostram um estilo cognitivo específico e são - com relação a este estilo - não só consistentes em si, mas também compatíveis entre si. (SCHUTZ, 2019, p. 28).

Assim, para o autor, a realidade estará na congruência das experiências que se tem no mundo a partir dos estilos cognitivos descritos anteriormente, fazendo com que sejam contempladas em uma província de significado específica, ganhando assim, o que ele chama de acento de realidade. Para ele, a vida cotidiana vai conduzindo o sujeito em uma experiência naturalizada que o induz à percepção do caráter operacional e irrefutável da realidade (SCHUTZ, 2019).

4 *A finite province of meaning thus consists of meaning-compatible experiences.*

Para que isso aconteça, segundo Schutz e Luckmann (1974), é necessário um estoque de conhecimento. Este é entendido pelos autores como o conjunto dos significados acumulados pelas diversas experiências de vida e que auxiliam em sua estruturação. Cada situação vivida cotidianamente é anexada ao seu campo de experiências. Assim, os estoques de conhecimento são mediados pela natureza, tempo e espaço e relações sociais que configuram a experiência subjetiva construída no interior do mundo da vida do sujeito. Mesmo sendo conhecimentos parciais de uma totalidade sobre um mundo muito maior que o conhecido pelo sujeito biográfico, esse sujeito terá experiências que irão se acumulando de forma articulada em sua biografia, o que lhe possibilitará a tomada de decisões que tenham sentido para ele.

Em um texto clássico sobre Dom Quixote, Schutz (1974) aborda de forma criativa e perspicaz o tema sobre o estoque de conhecimento. Dom Quixote era um fidalgo decadente apaixonado pelos romances de cavalaria, desencantado com seu cotidiano e que decide viver um futuro de aventura e heroísmo (CERVANTES, 2012). Quixote incorpora em seu cotidiano suas leituras e fantasias sobre a cavalaria, com referências que davam, então, sentido ao que encontrava no mundo. Para Schutz, o universo da literatura constituiu para Quixote uma realidade e tornou possível um estoque de conhecimento específico sobre o tema. O estoque de conhecimento é, então, relativo ao conjunto de conhecimentos sobre a literatura de cavalaria que Dom Quixote passou a utilizar nas mais diversas situações. No caso relatado pelo texto de Cervantes, a cavalaria andante constituía uma forma de vida e compunha para ele uma verdadeira ciência.

Para viver na cavalaria era necessário um conhecimento vasto, desde o uso de ervas, até estratégias e táticas de guerra e sobrevivência. Os esquemas de referência da vida cotidiana de Quixote passavam pelas histórias de El Cid, o cavaleiro andante medieval: forte, valente, justo e piedoso, que derrotou os mouros e viveu heroicamente. É incorporando em seu cotidiano as referências à cavalaria que Quixote dota de sentido suas ações: na luta de Quixote com os moinhos de vento, ao se deparar em confronto direto, o cavaleiro compreende o momento como um ato de magia realizado por magos que o desafiavam a cumprir seu destino. Estes magos, seus antagonistas, faziam isso para que ele, Quixote, não percebesse a realidade tal qual ela se apresentava. Assim os “encantadores”, como se referia Quixote, tinham a função de fazer uma transposição da imaginação para o cotidiano vivido (SCHÜTZ, 1955), ou seja, eles mediavam para o cavaleiro seu mundo de significado para aquilo que era apresentado aos seus olhos. Eles lhe garantiam a coexistência e a compatibilidade das significações presentes em uma província de significado, assegurando, assim, o acento de realidade. Os encantadores “traduzem” a realidade que não “aparece”, pois ela é mediada pela magia para poder ser preservada. Esse universo compartilhado com a literatura possui fronteiras finitas de significado, que podem ser vivenciadas pela coerência existente entre os elementos de sentido presentes em seu interior.

Schutz (1947) aponta que isso é possível, porque um universo significativamente compartilhado faz com que este exista. Mesmo quando Sancho Pança, fiel escudeiro

de Dom Quixote, o aborda revelando que os fenômenos que ele descreve não são aqueles percebidos ao seu redor, existe, para Sancho, a possibilidade de compreender que há uma lógica interna naquilo que descreve Quixote e que pode fazer sentido. Assim, por vezes Sancho não rebate seu senhor, pois apesar de existirem em províncias de significados diferentes, ele acaba experimentando os mesmos objetos com uma estrutura de conexões semelhantes para as interpretações que cada um deles tem. Isso acontece porque existe um conjunto de esquemas de referência relativamente compartilhados entre os dois que são utilizados para essa interpretação.

Os encantadores são fundamentais para isso. Mesmo não sendo “percebida” por Sancho Pança, de alguma maneira, a magia é possível. Existe um grau de confiança de que ela é possível existir. Ele vai assim aceitando o sistema interpretativo de Quixote, não por verificação, mas por possibilidade. Ele vai acatando a explicação do encantamento. O encantamento é uma referência, um elo entre as realidades vividas pelos dois, tanto para Sancho quanto para Quixote. E aqui, como aponta Schutz (1974), a intercomunicação é fundamental: é necessário ter fé na veracidade daquilo que o outro fala e uma percepção de sua relevância. Recorrendo novamente à noção de província finita de significados, no mundo da cavalaria poderiam fazer sentido gigantes, magia e magos, a luta contra as injustiças e donzelas que precisavam de proteção. Sendo o encantamento realizado por um mago, adversário do herói da obra, qualquer situação poderia ser justificada por referência à magia por ele deflagrada, que iludiria a percepção presente do mundo para ludibriar Dom Quixote. Sendo assim, Sancho Pança percebe uma chance de aquilo realmente ser possível.

Mas a realidade pode ser também confrontada. E aqui vale ressaltar que, para Schutz (1974), Quixote pode colocar em confrontação fenômenos que vão contra fatos que constituem sua província de significados. Isso acontece em determinadas situações em que a realidade operacional, fortemente determinada pela realidade física, desvela-se sem qualquer “encantador” a transformá-la. Assim, aquilo que Schutz chama de realidade do senso comum se faz presente.

Para Schutz (2019), existe uma confluência entre as motivações e a comunicação, estas são recíprocas, o sujeito opera no mundo com seus semelhantes compelidos a agir e a reagir a partir das ações tanto dele quanto dos outros. Para ele, esse confronto entre realidades somente pode acontecer quando existe um enfrentamento prático em uma suposta situação que pode colocar em dúvida uma interpretação prévia de algo que foi anteriormente vivido. Existe, para Schutz (1945/2019), um confronto entre as fronteiras de significado e a passagem entre elas, pois se realizam a partir de um salto e acontecem a partir de uma tensão da consciência. Para o autor: “Elas precisam de uma motivação especial, como a superação de uma experiência ‘estranha’, não passível de ser incluída no estoque de conhecimento em questão ou inconsistente com elas, para nos fazer revisar as nossas crenças anteriores.” (SCHUTZ, 2019, p. 27).

López Sáenz (2005) chama de *shok* a esse contato conflituoso desses dois mundos que perdem uma congruência entre si na consciência. Isto acontece quando Quixote percebe que aquela que seria para ele sua tão sonhada dama Dulcineia, de rara

beleza e virtude, não passa de uma camponesa muito diferente da imagem por ele criada. Esse contato com a vida operante, sensorial e afetiva conflita suas “certezas”. Aquilo que possui uma unidade psicológica, um projeto de vida equilibrado, organizado a partir das múltiplas realidades vividas por Dom Quixote, perde sua coerência e é quando o cavaleiro deixa de acreditar no projeto que vivia.

3 A COMPREENSÃO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA

Toda narrativa envolve processos de configuração de significados. Tais processos acontecem a partir da particularidade das nossas vivências em determinados contextos culturais, o que pode incluir o compartilhamento de narrativas específicas. As vivências constituem um campo subjetivo particular que permite sentidos diferentes, dentro de um mesmo ambiente vivido por outros sujeitos. Pelo seu estoque de conhecimento, o sujeito dá sentido ao mundo que o rodeia.

Schutz (1979) considera o significado uma decorrência da experiência da vivência.⁵ A experiência sobre um fato ou situação vivenciada constitui o significado pela pessoa sobre um fato ou situação e faz o significado das suas ações ser constituído. O autor ressalta que apenas tendo como referência uma experiência passada é que a vivência pode ser considerada significativa, já que a experiência de um fenômeno, como comportamento, sempre é analisável a partir de um momento de reflexão, posterior ao evento ocorrido, não no interior do momento em que ele ocorre, ou seja, na própria vivência.

Dessa forma, a ação pressupõe um significado subjetivo (SCHUTZ, 1995). A consciência reflexiva é o modo de escapar do fluxo espontâneo da consciência. A consciência espontânea (consciência de primeira ordem) se caracteriza pelo fluxo contínuo das vivências: “Dentro do fluxo da duração só existe um viver de momento a momento” (SCHUTZ, 1995, p. 81). É só com um movimento de segunda ordem, reflexivo, que a espontaneidade da vivência pode se tornar objeto para o sujeito. A reflexão (consciência de segunda ordem) marca uma ruptura com a espontaneidade:

quando, mediante meu ato de reflexão, dirijo minha atenção em direção a minha vivência (...). As vivências são aprendidas, distinguidas, postas em relevo, destacadas uma das outras; as vivências que se constituíram como

5 Husserl distingue as noções experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*). Na língua alemã, *Erfahrung* indica, literalmente, um encontro. *Erlebnis*, por sua vez, refere-se à experiência vivida. Husserl usualmente reserva o termo *Erlebnis* para a experiência vivida espontânea, a vivência de algo, propriamente. A experiência refere-se, de outra forma, à uma experiência perceptual ou do mundo, enquanto evidência, o que implica numa relação transcendente frente à vivência. A partir disso, Husserl faz um crítica à noção empirista de experiência como muito restrita a uma perspectiva sensualista. Ver: Experience (*Erfahrung, Erlebnis*). In: Moran, Dermot; Cohen, Joseph. *The Husserl dictionary*. New York: Continuum International Publishing Group, 2012.

fases dentro do fluxo de duração se tornam então objeto de atenção como vivências constituídas (SCHUTZ, 1995, p. 81).

A consciência reflexiva, ao constituir a vivência como seu objeto, retira seu caráter de espontaneidade. Retira a vivência do fluxo espontâneo da consciência. Por meio da consciência reflexiva, as vivências passadas são tornadas significativas e relacionadas a um estoque de conhecimento e a uma província de significado específicos. O contexto de significado permite a interpretação do significado da vivência: “cada interpretação consciente é um ato de reconhecimento, uma combinação na qual um objeto (ou um acontecimento, um ato, uma emoção) é identificado por sua colocação contra o pano de fundo de um símbolo apropriado” (GEERTZ, 2008, p. 122).

É por compor um estoque de conhecimento, estar relacionado às outras vivências e integrar um contexto de significado, que os esquemas interpretativos mobilizados pelo sujeito podem conferir à vivência um caráter discreto ou dotá-la de um sentido específico. É quando, na vivência, um ato pode ser tomado como ação, execução de um ato projetado. Para o autor, a ação carece de significado se for separada do projeto que a define (SCHUTZ, 1995).

O contexto de significado é esse “pano de fundo” em que as vivências adquirem sentido. Dessa forma, “o objeto se constitui a partir das aparências, à medida que as encontramos em nossa corrente de consciência. Tais aparências se reúnem em um contexto de significado” (SCHUTZ, 1995, p. 108). Os contextos de significados constituem esquemas de experiência que permitem aos indivíduos interpretar suas vivências. Há, perante cada vivência singular, um reconhecimento sintético de seu sentido e que lhe ordena, tanto temporal quanto intencionalmente. Os significados e sentidos conferidos às ações partem dos esquemas de experiências e constituem o que Schutz denomina de esquemas interpretativos (SCHUTZ, 1995). Utilizando uma metáfora da geografia também muito discutida na arte: a narrativa seria uma forma de paisagem. As narrativas seriam assim uma construção de paisagens que coadunam de forma articulada o espaço físico com um conjunto de emoções, percepções e significados daquele momento específico, devidamente refletido *a posteriori*, o que cria interpretações que reconstróem a sua narrativa, dando-lhe cores novas (MADERUELO, 2006).

Assim, o sujeito vai interpretando os eventos e produzindo significados a partir das experiências que possui sobre uma determinada vivência. Esses significados são ao longo da vida produzidos em um mundo vivido coletivamente com um caráter prático.

Cada sujeito deve ser compreendido em sua história de vida, ou seja, em sua situação no mundo, no contexto de significados com o qual se identifica e compartilha. A situação biográfica é definida, segundo Schutz (1979), como resultado da “sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem, organizadas de

acordo com as posses 'habituais' de seu estoque de conhecimento à mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente" (p. 73).

Dessa maneira, podemos compreender que:

Nesta articulação biográfica singular, constitui-se, portanto, para cada indivíduo, um esquema de relevância e de tipicidade, como parte constituinte de seu estoque de conhecimento, isto é, um guia seletivo na interpretação de si mesmo e do mundo. Ao observarmos determinados eventos, fatos ou ações de outros indivíduos, nós sempre teremos determinados elementos que nos serão mais familiares. Devido a isto, a nossa interpretação da realidade é sempre parcial, pois ela é realizada a partir de nossa história biográfica e nossa situação atual (SCHÜTZ apud FANTON, 2011, p. 538).

É, pois, a partir de uma situação biográfica determinada, que os conceitos trazidos por Schütz podem ser tomados como fundamento para a análise da narrativa biográfica como um dispositivo metodológico relevante para o campo da pesquisa em psicologia.

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A partir do detalhamento conceitual descrito acima, será apresentada a entrevista narrativa biográfica como recurso metodológico para aplicação da fenomenologia ao campo de pesquisa em Psicologia.

A entrevista narrativa tornou-se, nas últimas quatro décadas, uma das metodologias mais utilizadas nas ciências sociais, tendo sido ao longo desse tempo exaustivamente discutidos e aperfeiçoados os procedimentos de coleta e análise de dados, bem como seus fundamentos teóricos, principalmente no contexto da pesquisa biográfica (FLICK, 2004; JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002). Na entrevista narrativa, busca-se um relato sobre um conjunto de experiências de um ou mais sujeitos: "Na narrativa retrospectiva de experiências, são relatados, por princípio, eventos da história de vida (sejam estas ações ou fenômenos naturais), na forma como foram vivenciados pelo narrador enquanto ator" (FLICK, 2004, p. 112).

No início de seu desenvolvimento como metodologia, a pesquisa narrativa tinha como referência a narrativa oral, entendida como um discurso sequencial de eventos passados. Nas últimas décadas, além do relato das experiências pessoais, uma diversidade maior de fontes de informação, como cartas, memórias escritas, testemunhos historiográficos, narrativas coletivas, entre outras, passaram a subsidiar uma perspectiva mais abrangente sobre as narrativas (CHASE, 2017). Desse modo, a entrevista narrativa é tomada como uma forma de acesso a narrativas específicas, a ser combinada com outros procedimentos de pesquisa e coleta de dados, através

dos quais experiências biográficas podem ser compreendidas na sua relação com as dimensões cultural e institucional da vida social.

Constitui um desafio para a entrevista narrativa superar concepções nas quais o entrevistado é visto como uma fonte de informações preexistentes. Durante muito tempo, as metodologias de entrevista viam o entrevistado como passivo no processo de produção do conhecimento, direcionado pelo entrevistador para a produção de um conhecimento sobre si mesmo. Nessa perspectiva, a questão era identificar as metodologias e técnicas mais confiáveis para extrair informações que a princípio já estariam ali presentes. Recentemente, as pesquisas que fazem uso da entrevista narrativa têm evidenciado o caráter ativo do entrevistado, visto então como um sujeito colaborador, como um participante envolvido em construir, discernir e designar fatos e situações, ou seja, construir as narrativas a partir da interação com o entrevistador. Como apontam Gubrium e Holstein (2012), “o sujeito por trás do entrevistado não apenas retém os detalhes de sua vida interior e mundo social, mas, no próprio processo de oferecê-los ao entrevistador, narra as informações, reunindo-as em uma conta coerente” (p. 33).⁶

O entrevistador participa ativamente na entrevista como um parceiro envolvido na coprodução da narrativa, “desde o momento em que se identifica um tópico de pesquisa, a seleção dos entrevistados, o questionamento e a resposta e, finalmente, a interpretação das respostas, a empresa entrevistadora é um projeto narrativo” (GUBRIUM & HOLSTEIN, 2012, p. 33).⁷

Em uma perspectiva fenomenológica para a análise da entrevista narrativa, toma-se como referência a distinção realizada por Schutz (1995) entre unidade de significado e configuração de significado. As unidades de significado remetem ao sentido atribuído a uma vivência tornada significativa pelo sujeito. A reflexão dá sentidos específicos à vivência dentro de um contexto de significados. Assim, as unidades que compõem os elementos de análise da narrativa biográfica são, justamente, as unidades de significados, consideradas aqui como unidades reflexivas. Cada unidade reflexiva refere-se, assim, a uma vivência particular e caracteriza fatos, lembranças, opiniões, juízos, reflexões etc., que o sujeito elabora sobre uma determinada situação biográfica e que, analiticamente, pode ser tornada singular.

A partir das unidades reflexivas, procura-se elaborar as configurações de significado (SCHUTZ, 1995). As configurações de significados são constituídas por um conjunto relativamente coerente e articulado de unidades de significados. Estas configurações funcionam como uma síntese ativa, uma totalização em curso, que tem seu fundamento nas vivências particulares, considerando o conjunto do estoque de conhecimento do sujeito.

6 *The subject behind the respondent not only retains the details of his or her inner life and social world but, in the very process of offering them up to the interviewer, stories the information, assembling it into a coherent account.*

7 *From the time one identifies a research topic, to respondent selection, questioning and answering, and, finally, to the interpretation of responses, the interviewing enterprise is a narrative project.*

Metodologicamente, a análise das entrevistas é feita, num primeiro momento, através de uma análise longitudinal que procura evidenciar as diversas configurações de significados e, nestas, as unidades de significado. Busca-se, nesse momento, uma compreensão sobre a narrativa considerando o seu desenvolvimento diacrônico e o encadeamento ao longo do tempo das inúmeras unidades de significados. Nesta análise, procura-se destacar o estoque de conhecimento mobilizado pelo narrador e as situações que operam como acento de realidade. Aqui, o acento de realidade diz respeito às referências feitas pelo entrevistado a momentos cruciais de reinterpretação e de reprojeção dos significados que atribui à sua ação, considerando os contextos de significados específicos. Na narrativa, os acentos de realidade permitem evidenciar momentos de ruptura e reconstrução a partir de um novo universo simbólico a ser vivenciado.

Após a compreensão da trajetória vivida, busca-se, em um segundo momento, elaborar uma síntese compreensiva que evidencie as configurações de significado características e os seus esquemas interpretativos. Ou seja, realiza-se uma recomposição da trajetória vivida: um ordenamento da narrativa, no qual experiências e eventos passados são organizados tendo como referência última o relato apresentado. Essa recomposição abrange interpretações pessoais do entrevistado, avaliações e julgamentos morais, valores, expectativas futuras, projetos pessoais. Inclui, também, lacunas, possíveis incongruências e incoerências, percebidas ou não pelo próprio narrador (CHASE, 2017).

Assim, ao recompor as trajetórias vividas, a análise da entrevista apresenta, baseando-se no relato feito pelo entrevistado, aspectos específicos da vida do sujeito, sua formação, inserção e atuação no campo social, bem como o compartilhamento de determinados contextos de significados. Aqui, procura-se pôr em destaque as congruências entre aspectos biográficos singulares e suas idiossincrasias com a temática central em investigação. As entrevistas devem evidenciar as vivências significativas (SCHUTZ, 1995) apresentadas a partir da trajetória de vida e que estão de alguma forma relacionadas com estoques específicos de conhecimento.

Procura-se, nessa recomposição da entrevista, manter a trajetória vivida o mais próximo possível do apresentado pelo narrador, ou seja, preservar a ordem apresentada no relato, mesmo que isso acarrete em determinados momentos a repetição de temas. A reconstrução da narrativa apresentada pelo sujeito visa, portanto, apresentar os dados biográficos do entrevistado, relacionando-os com a temática em análise, e colocar em evidência o desenvolvimento de uma trajetória pessoal. Busca-se dar certa sistematicidade a essa trajetória a partir das diversas configurações de significados, destacando seus contextos e esquemas interpretativos relevantes, os estoques de conhecimentos mobilizados, os mediadores (encantadores) e acentos de realidade presentes.

Além disso, o exame da narrativa biográfica provê um material que deve ser enriquecido, complementado ou contraposto, com uma análise anterior ou concomitante, sobre as narrativas culturais ou institucionais que configuram o contexto de significado compartilhado pelo entrevistador. Isso envolve uma compreensão das

características culturais do fenômeno estudado, dos discursos ou narrativas culturais específicas presentes, da forma como os múltiplos referentes que compõem essa narrativa estão articulados e proporcionam ao sujeito uma província de significados a ser vivenciada.

A análise da entrevista narrativa biográfica aqui apresentada busca evidenciar, a partir da narrativa do sujeito, qual o sentido que ele dá para suas ações, considerando que este é construído por um esquema de referência que se assenta em um contexto de significado próprio. Compreender a narrativa é, então, compreender o esquema de referência utilizado (reflexividade) e o contexto no qual ele é produzido.

O tratamento dos dados no processo de sistematização deve ter duas preocupações. Primeiramente, a construção de um conhecimento comum no próprio processo da entrevista que permita uma apropriação pelo entrevistado da narrativa que se está produzindo. Em segundo lugar, os elementos relativos à singularidade devem ser compreendidos conforme os esquemas interpretativos relacionados às províncias de significados específicos. Assim, a singularidade é compreendida a partir das continuidades, descontinuidades, rupturas, lacunas e inovações frente a uma dada província de significados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da grande relevância da fenomenologia para a Psicologia, o pensamento de Alfred Schutz ainda é pouco conhecido. O propósito deste texto foi apresentar o pensamento do autor, explorando suas possibilidades para a compreensão das narrativas biográficas. Estas têm se mostrado um recurso metodológico potente para a utilização no campo das ciências humanas e sociais, pois permitem uma abordagem complexa, abrangente e não linear da subjetividade e das relações sociais.

Gubrium e Holstein (2012) utilizam como metáfora para a entrevista narrativa biográfica a produção de uma música de jazz, com seus temas e improvisações como marcas comuns à prática narrativa. As narrativas são construídas na interação, as histórias que vivemos refratam um mundo de preocupações concorrentes, elas não reproduzem de maneira uniforme um apanhado prévio de assuntos. É num ambiente narrativo, na interação entre sujeitos com diferentes estoques de conhecimento, partindo de diferentes províncias de significados, que a possibilidade de cada um falar de sua vida acontece

Desse modo, na compreensão fenomenológica da narrativa biográfica, o que se procura é “borrar” as fronteiras entre essas províncias de significados, torná-las permeáveis ao olhar do outro (entrevistador), de tal maneira que o contexto de significado possa ser compartilhado. Isso permite ao pesquisador compreender os esquemas interpretativos utilizados pelo sujeito, a forma como este se constitui e também como compõe uma província de significados a partir da qual ele próprio dá sentido para suas ações.

Buscou-se, também, evidenciar as transições entre os acentos de realidade. Neste sentido, merece especial atenção o modo como o pesquisador pode compreender os elementos que reconfiguram mudanças subjetivas para sujeitos, que os fazem ter percepções diferentes das que tinham anteriormente, ou seja, como acontece a transição entre uma posição e outra do narrador frente aos fenômenos que narra.

Neste texto, procuramos apresentar as ferramentas analíticas disponibilizadas pela fenomenologia de Alfred Schutz para a compreensão da narrativa biográfica, tomando como dispositivo a entrevista narrativa. Face à amplitude e complexidade do tema, algumas questões merecem atenção: As análises devem ser consideradas não somente pelo seu conteúdo e contexto, mas também pela forma como se apresentam. Caberia ainda desdobrar o caráter performático da entrevista e, inclusive, da narração. Enquanto performance, a narração escolhe conteúdos e os organiza de determinada maneira. Ou seja, a expressão do sujeito quando descreve sua narrativa também configura um conteúdo de informação importante e que merece atenção. As expressões, os silenciamentos, as emoções expressadas merecem um cuidado na compreensão de um fenômeno, porém essa problemática merece outros esforços e um novo espaço.

A narrativa biográfica compreendida a partir da fenomenologia de Schutz pode ser considerada a partir da indissociável relação entre o sujeito e os processos narrados por ele, atravessados pelas emoções que os permeiam. Recuperando a metáfora da narrativa biográfica como paisagem (MADERUELO, 2006), esta não deve ser compreendida como um espaço geográfico com linhas topográficas e vegetação, ou lagos e oceanos, com suas depressões ou montanhas, vales e acidentes geográficos, isto é, como lugar. Mas como uma construção rica em significados elaborados subjetivamente através da cultura, que confere ao lugar um elevado sentido para o sujeito, muito maior do que as nuances geográficas. A narrativa biográfica é como a paisagem. Não é um agrupamento linear de fatos acumulados ou um somatório de eventos históricos que ocorrem na vida de uma pessoa. A narrativa se torna um emaranhado de construções simbólicas, muito específicas, que vão colorindo, adornando, traçando essas nuances tão singulares e constituidoras fundamentais da vida de cada pessoa, construindo projetos de vida, completamente integrada com o universo do qual faz parte. Com vivências específicas e genéricas, ao mesmo tempo, indissociáveis. A fenomenologia de Schutz se faz assim ferramenta importante para a compreensão da vida cotidiana. Como em uma aventura quixotesca, cada sujeito depende de suas narrativas para dar sentido a seus projetos de vida pelos quais irá viver e lutar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBER, M. D. *The Participant Citizen. A biography of Alfred Schutz*. Albany

(N.Y.): State University of New York Press, 2004.

BARKER, C. *The Sage Dictionary of Cultural Studies*. Thousands Oaks, CA: Sage, 2004.

BRUNER, J. *Actos de Significado*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CERVANTES, M. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

CHASE, S. E. Narrative Inquiry: Toward Theoretical and Methodological Maturity. In: DENZIN, N. K.; YVONNA, L. S. S. (Orgs.). *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 946-970, 2017.

FANTON, M. Sujeito, sociedade e linguagem: Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. *Civitas*, v. 11, nº 3, p. 529-543, 2011. DOI: 10.15448/1984-7289.2011.3.10064.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Narrative Practice and the Transformation of Interview Subjectivity. In: GUBRIUM, J. F., et al. (Orgs.). *The SAGE handbook of interview research: the complexity of the craft*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 27-42, 2012.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M., M.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Tradução Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, p. 90-113, 2002.

LÓPEZ SÁENZ, M. C. Los mundos diversos: Alfred Schutz lee “El Quijote”, *Phainomenon*. v. 10, p. 63-97, 2005.

MADERUELO, J. *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, 2006.

MCADAMS, D. P.; JOSSELYN, R.; LIEBLICH, A. *Identity and story: creating self in narrative*. Washington: American Psychological Association, 2006.

MORAM, D.; COHEN, J. *The Husserl dictionary*. New York: Continuum International Publishing Group. 2012.

SCHUTZ, A. *El Problema de la Realidad Social*. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1995.

_____. Don Quijote y el problema de la realidad. *Dianóia*. v. 1, nº 1, p. 312-330, 1955. DOI: <https://doi.org/10.22201/iifs.18704913e.1955.1.1438>.

_____. Bases da fenomenologia. In: WAGNER, H.. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 53-71, 1979.

_____. Sobre múltiplas realidades. Tradução Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, nº 52, p. 13-47, 2019. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SchutzArt_RBSEv18n52abril2019.pdf. Acesso em: dia mês ano.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. *Structures of the Life-World*. Heinemann: London, 1974.

_____. *Fenomenología del Mundo Social*. Introducción a la sociología comprensiva. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.

WALSH, G. Introdução. In: SCHUTZ, A. *Fenomenología del Mundo Social*. Introducción a la sociología comprensiva. Buenos Aires: Editorial Paidós, p. 11-25, 1972.

ALFRED SCHUTZ'S PHENOMENOLOGY AS A BASIS FOR THE ANALYSIS OF THE BIOGRAPHICAL INTERVIEW

ABSTRACT

This essay presents the phenomenology of Alfred Schutz as a relevant theoretical foundation for studies on biographical narrative in research in psychology. Despite its little appropriation for this science, its theoretical set has great recognition in the field of social sciences. Alfred Schutz develops a theory of the social world and the processes of construction of meanings that allows an understanding of the meaning of the social world and the construction of identity. The biographical narratives refer to the reports that the subjects elaborate about their life or specific biographical situations. Narrative theories argue that such accounts form the basis on which identities are constructed. In this essay, Alfred Schutz's theory is thus presented: the concepts of the world of life, inter-subjectivity and configuration of meanings, accent of reality, articulating them with a methodological perspective of analysis of the biographical interview. It is argued that the concepts developed by Alfred Schutz are a relevant foundation for research in psychology in the field of narratives.

KEYWORDS: Phenomenology; Biographical Interview; Identity.

LA FENOMENOLOGÍA DE ALFRED SCHUTZ COMO BASE PARA EL ANÁLISIS DE LA ENTREVISTA BIOGRÁFICA

RESUMEN

Este ensayo presenta la fenomenología de Alfred Schutz como una base teórica relevante para estudios sobre narrativa biográfica en concreto para el análisis de la entrevista biográfica. A pesar de su poca apropiación por la psicología, su conjunto teórico tiene un gran reconocimiento en el campo de las ciencias sociales. Alfred Schutz desarrolla una teoría del mundo social y los procesos de construcción de significados que permite comprender el significado del mundo social y la construcción de la identidad. Las narraciones biográficas se refieren a los informes que los sujetos elaboran sobre su vida o situaciones biográficas específicas. Las teorías narrativas argumentan que las narraciones forman la base sobre la cual se construyen las identidades. En este ensayo, se presenta la teoría de Alfred Schutz: los conceptos del mundo de la vida, la intersubjetividad y la configuración de significados, el acento de la realidad, articulando los con una perspectiva metodológica de análisis de la entrevista biográfica. Se argumenta que los conceptos desarrollados por Alfred Schutz son una base relevante para la investigación en psicología en el campo de las narrativas.

PALABRAS CLAVE: Fenomenología; Entrevista Biográfica; Identidad.